

Discurso proferido por Keyla Belízia Feldman Marzochi em 15 de dezembro de 2011, por ocasião da Cerimônia de Posse como Membro Titular da Cadeira nº13, do Patrono Acadêmico Fundador Prof. Gerson Cotta Pereira, da Academia de Medicina do Rio de Janeiro.

Excelentíssimo Acadêmico Prof. Francisco Amarante Neto, D.D.
Presidente da Academia de Medicina do Rio de Janeiro;

Excelentíssimas Autoridades e Acadêmicos que compõem a Mesa Diretora desta Sessão;

Excelentíssimos Acadêmicos que compõem a Comissão de Honra;

Excelentíssimos Acadêmicos presentes;

Ilustríssimos Familiares do meu Patrono Gérson Cotta Pereira;

Caríssimos Recém-Confrades, Prof. Paulo Rodrigues de Oliveira, Prof. José Feldman e Prof. Renato Diniz Kovach;

Ilustríssimos Senhoras e Senhores que vieram compartilhar desta nossa celebração. E, com especial carinho, cumprimentando os meus queridos amigos. E minha família, com imenso amor.

Coube-me a honra de ocupar na Academia de Medicina do Rio de Janeiro a Cadeira Nº 13, que pertenceu ao muito ilustre Acadêmico, de brilhante carreira, Dr. Gerson Cotta Pereira, como Professor e Pesquisador durante toda sua vida profissional.

Esta vida, que escolheu ou para qual foi escolhido, iniciou-se, quem sabe, desde o tempo do curso secundário no Liceu Nilo Peçanha em Niterói quando desenvolvia, entre várias atividades paralelas, a de organizar a biblioteca e a de preparar peças taxidérmicas para o museu de História Natural.

Portanto, não foi inesperado, à época da Faculdade Nacional de Medicina, ter sido convidado pelo grande professor Francisco Alípio Bruno Lobo, para trabalhar em seu laboratório de Histologia e Embriologia. Sem dúvida, esse mestre soube perceber o potencial de seu aluno para a área acadêmica, pela qual enveredou desde então, não mais se afastando do ensino e da pesquisa,

que desenvolveu nesta cidade do Rio de Janeiro, especialmente, nas maiores instituições ligadas à sua área.

Ingressou na Universidade Federal do Rio de Janeiro, aos 20 anos, em 1962 (nasceu em 18 de agosto de 1942), mas, em 1970, já havia realizado Livre Docência no Instituto de Ciências Biomédicas, e em 1973, o Doutorado, no Departamento de Embriologia e Histologia da Faculdade de Medicina, ambos na UFRJ, com a tese: "Contribuição ao Estudo de Mucopolissacarídeos do Epitélio da Vesícula Biliar do Cobaio (*Cavia porcellus*).

E daí em diante, buscou e venceu todos os desafios a que se propôs, e não foram poucos!

Na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, foi aprovado em concurso como Professor Titular de Histologia e Embriologia do Instituto de Biologia, no ano de 1980, onde já respondia interinamente há 6 anos. Nesta Universidade, foi também Sub-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação entre 1985 e 1987, bem como professor de Pós-graduação, modalidade Especialização, da Faculdade de Odontologia, por 13 anos, desde 1983 a 1995.

Na Universidade Federal do Rio de Janeiro, foi aprovado em concurso para Professor Titular de Histologia e Embriologia do Instituto de Ciências Biomédicas, em 1984, tendo sido Diretor- Adjunto de Ensino de Pós-Graduação no biênio 1983-1984.

Passou pela FIOCRUZ como professor do Curso de Pós-graduação em Biologia Parasitária do Instituto Oswaldo Cruz em 1984 e durante os anos de 1990-1992 foi ali Investigador Visitante do Departamento de Patologia do mesmo Instituto. Neste período, certamente com trocas valiosas, privou da companhia do querido Henrique Leonel Lenzi, chefe desse Departamento, brilhante pesquisador e grande pessoa - que nos deixou faz três meses hoje, e que, aliás, amanhã, será homenageado pela FIOCRUZ por seu honroso legado institucional.

A partir de 1995, o Prof. Gerson, já aposentado das funções universitárias, assume a chefia da Terceira Enfermaria da Santa Casa de Misericórdia do Rio

de Janeiro onde estabelece o Serviço de Imunoquímica e Histoquímica, e passa a coordenar o Curso de Especialização em Embriologia a partir de 1995.

Atuou fora do Brasil, também.

Em Portugal, desde 1972 até 1992, iniciando com o seu Pós-Doutorado em Biologia Celular e Microscopia Eletrônica (1972-73), depois como Professor Visitante (de 1975 a 1992), no Instituto Gulbenkian de Oeiras, e ainda Professor Visitante do Instituto de Histologia e Embriologia da Faculdade de Medicina da Universidade do Porto (entre 1987 e 1992).

Na França, esteve como Professor Visitante, em 1983, no Instituto Pasteur e na Faculdade de Medicina de Créteil, em Paris.

Nos Estados Unidos, desenvolveu atividade científica no Departamento de Patologia e Bioquímica da Universidade de Washington em 1979 e no Instituto de Biotecnologia da Universidade de Maryland em 1988.

Produziu 78 trabalhos científicos publicados em revistas nacionais e internacionais, 6 livros e 4 capítulos de livros nas linhas de pesquisa associadas à biologia celular e ultraestrutura, envolvendo histologia e bioquímica, embriologia e patologia.

Por tudo que realizou e do que participou, aqui apresentado em linhas bem gerais, o Prof. Gerson Cotta Pereira **não foi somente Membro Fundador desta Academia de Medicina do Rio de Janeiro**, mas também **Membro Titular da Academia Nacional de Medicina, da Academia Fluminense de Medicina, da Academia Brasileira de Medicina Militar e da Academia Latino-Americana de Nutrologia, e ainda Membro Honorário da Academia Amazonense de Medicina.**

Recebeu prêmios e homenagens de naturezas diversas, entre os quais: as “Insígnias da Ordem de Santiago da Espada”, oferecida pelo governo português; o prêmio “Bernardino Antônio Gomes”, da Sociedade Portuguesa de Dermatologia e Venereologia; a “Medalha Tiradentes”, oferecida pela Assembleia Legislativa do Estado do Rio de Janeiro; a “Medalha José Clemente Pereira”, oferecida pela Câmara Municipal de Niterói; as “Insígnias

de Cavaleiro da Ordem Soberana Militar e Hospitalar de São João de Jerusalém, Rodes e Malta”, concedida pelo Grão Mestre sob autorização de Sua Santidade o Papa João Paulo II. O “Prêmio Análise Medicina – 2008”, dado pela Empresa Jornalística Análise Editorial (dedicada exclusivamente à produção de publicações especializadas), por ter seu nome apontado como um dos mais admirados na especialidade de Patologia, o último, porque, em plena atividade técnica e científica no seu Serviço de Imunoquímica e Imunohistoquímica da Santa Casa, foi abatido por doença grave e de evolução rápida, falecendo em 02 de janeiro de 2010.

A par disso tudo, politicamente, tinha uma convicção rara, assumia-se como monarquista, ostentando fotos do nosso último Imperador, D. Pedro II e de toda a família imperial em seu gabinete na Santa Casa. (“Entre parênteses” - neste aspecto, aliás, esteve acompanhado por um personagem nacional, de quem tive a alegria de ter sido aluna de História no Recife, então já conhecido em Paris pelo Auto da Compadecida, o Ariano Suassuna, um monarquista fundamentado, por décadas - até ‘virar a casaca”, como ele diria, para o PSB do seu governador pernambucano.)

Esse lado conservador, digamos assim, Do Prof. Gerson Cotta Pereira, ele revela na disciplina do seu trabalho, em que se destaca pelo cuidado com que mantém suas coleções de blocos e lâminas de material histológico para estudo e diapositivos para aulas, além de instrumentos antigos de laboratório e diversos outros documentos históricos, fotos e outros materiais científicos.

E, nos parece que também na vida pessoal, soube preservar suas lembranças afetivas mais significativas com o mesmo zelo.

Teve um longo casamento, de 41 anos, além de oito de tradicionais namoro e noivado, com uma moça que conheceu na época em que ambos estudaram no Liceu Nilo Peçanha, em Niterói, ele terminando o científico e ela o ginásio.

E a seu lado, essa moça, a Dra. Eliana Lemos Cotta Pereira, também fez sua carreira, formando-se em Direito, que até hoje exerce, com doutorado, embora não tenha sido sempre assim.

Por alguns períodos, ao acompanhar o marido em suas atividades fora do país (em Portugal em 1972-73 e nos Estados Unidos em 1978-79), abdicou das suas próprias. Mas, principalmente, com certeza, esforçou-se por buscar conciliar com a maternidade a sua vida profissional e a de seu marido, porque

tiveram três filhos: O Dr. Guilherme Cotta Pereira, cirurgião e professor da Escola de Medicina Souza Marques, o Dr. Ricardo Cotta Pereira, também cirurgião, e o Dr. Leonardo Cotta Pereira, mestre em Direito exercendo advocacia em Paris onde reside.

Por tanto, agradeço feliz, nesta ocasião, a presença dos familiares do Prof. Cotta Pereira, e também os parabéns por poderem prestigiar mais uma solenidade de patronato que ele nos propicia pelo que realizou, certa de que, também como pai e esposo, tenha sido e tido motivos de orgulho e alegrias!

Agora, devo a todos os Senhores presentes, as respostas às perguntas que me fiz:

Por que e para quê, estou aqui, hoje, tomando posse na Academia de Medicina do Rio de Janeiro, na Seção de Ciências Aplicadas à Saúde.

Percorri uma estrada profissional que começou com meu ingresso, aos 18 anos, na Faculdade de Ciências Médicas do Estado de Pernambuco.

(Ou quem sabe, aos 13, quando respondi a minha professora, no centenário Ginásio Pernambucano: Vou fazer Medicina e História - História ficou só com “h” minúsculo.)

Como uma afinidade, distante no tempo, com a cadeira 13 do Prof. Gerson Cotta Pereira, fui iniciada em pesquisa na Faculdade, como monitora de Patologia, convidada pelo mestre famoso em sua área, Dr. Adonis Carvalho, e desde o terceiro ano me familiarizando com histopatologia, além de bioquímica – outra disciplina em que fui monitora.

Na Residência Médica em Doenças Transmissíveis, no Hospital do Servidor Público Estadual de São Paulo, o chefe, Dr. Vicente Amato Neto, nos requeria a levantar prontuários (eu morava no hospital e fazia isso à noite), além de estudos para publicação de casos clínicos acompanhados, cercado de uma equipe de excelência.

Na Universidade Estadual de Londrina, ingressando como docente aos 25 anos, concluída a residência, e levada pelo mesmo Dr. Amato com outros dois colegas, ele nos cobrava, além de tudo mais, os estudos de novas drogas para doenças parasitárias.

Mas, ali, vale dizer, onde trabalhei pelos primeiros sete anos de minha vida profissional, consolidei valores humanos e sociais, aprendendo com pessoas

valiosas sobre como pode ser edificante a vida universitária com dedicação, participação democrática e remuneração adequada, convivendo, muito jovem, com colegas experientes, oriundos da Universidade de São Paulo e Universidade Federal do Paraná, das áreas Básicas, Clínicas e de Saúde Coletiva. Foram muitos e importantes para minha opção pela atividade profissional pública. Nomeá-los todos como homenagem às origens não será possível. Mas, todos, direta ou indiretamente, fomos reunidos por um visionário progressista, médico-cirurgião londrinense formado pela USP, que sem visar lucros financeiros próprios, conseguiu criar a Faculdade de Medicina e depois a Universidade, o Dr. Ascêncio Garcia Lopes. Faculdade que, apesar de retrocessos que se seguiram, permanece, por seus métodos pedagógicos e desempenho dos seus egressos, na vanguarda do país.

Nesse ambiente estimulante, conheci o Mauro, o complemento **essencial**. Ele vindo da USP, de Ribeirão Preto para chefiar a Disciplina de Parasitologia.

Por essa época, começou nossa história também no Rio de Janeiro, quando, como Professora Assistente da UEL, fui liberada para o Mestrado em Doenças Infecciosas e Parasitárias da Universidade Federal do Rio de Janeiro, coordenado pelo Dr. José Rodrigues Coura, e tive como orientadora Dra. Lea Camillo- Coura. Gostaria de dizer da excelência desse Curso, da qualidade dos conteúdos disciplinares, da organização perfeita, da dedicação exigida e, sobretudo, das experiências - de trabalho de pesquisa de campo com a presença estimulante do Dr. Coura, da integração amigável e permanente entre os profissionais da clínica e do laboratório, e finalmente de conhecer novas pessoas e colegas, muitos até hoje amigos ou que nos deixaram felizes lembranças, num convívio onde se respirava conhecimento. Mas que era muito divertido também pelos “tipos inesquecíveis” - do lembrado Pavilhão Carlos Chagas da Rua Laura de Araújo, hoje Centro de Saúde Marcelino Candau.

No período do Mestrado, casamos, e eu já havia voltado a Londrina, onde desenvolveria a tese sobre doença meningocócica em meio a grave epidemia que se enfrentava.

Então nasceu nossa primeira filha, a Samira.

Aliás, ainda em Londrina tivemos a honra de sermos visitados pelo casal Léa e José Coura, até hoje não sei a que devemos, penso que foram ver como andava minha tese e se Londrina era tudo aquilo que eu dizia. De objetivo, me fizeram, razoavelmente, dividir o enorme material da minha tese em duas partes, determinando que a mais interessante ficasse para o doutorado; e

assim, obedeci (era sobre doença meningocócica endêmica e epidêmica).

No Mestrado, também fui aluna de Luiz Fernando Ferreira, hoje meu querido confrade, uma unanimidade entre os alunos como o professor de Parasitologia das aulas admiráveis, que o Mauro também conheceu ao me visitar no Rio, e que mais tarde o estimulou a fazer o Concurso em Parasitologia na Escola Nacional de Saúde Pública da FIOCRUZ. Ao ser aprovado, ficamos atraídos pela possibilidade de renovação de vida profissional e ao lado de pessoas já tão queridas.

E deixamos Londrina (em 07/07/1977), nos fixando, adotando e sendo adotados pelo Rio de Janeiro.

Defendi o Mestrado em 1977 após o convívio tão agradável com minha orientadora Dra. Léa. Em seguida fui indicada pelo Dr. Coura como Auxiliar de Ensino da Disciplina de Doenças Infecciosas e Parasitárias da Faculdade de Medicina da UFRJ, ingressando em Janeiro de 1978. (E quem fez meu exame de saúde admissional? O generoso amigo e nosso grande confrade, Dr. Leão Zagury.)

Neste período, nasceu nossa segunda filha, Ilana.

As atribuições eram muitas e estimulantes no Serviço de DIP do Hospital Universitário da UFRJ, naqueles finais de 1970 – inícios de 80, dirigido pela mente brilhante do Prof. Clementino Fraga. E só cresciam, quando assumi a Coordenação do Internato de DIP indicada pelo Dr. Coura, como Chefe do Serviço de DIP do HU, e a seguir a Coordenação do Internato em Clínica Médica a convite da Prof.^a Alice Rosa, inesquecível por sua eficiência, dedicação e entusiasmo á frente da CAE – Coordenadoria de Atividades Educacionais do HU. Tudo isso, mantendo-se todas as demais atividades: enfermagem, ambulatório, aulas práticas, e as teóricas. Depois do Internato, mais tarde, assumi a Coordenação da Residência em DIP.

Em pesquisa trabalhei também à frente da investigação clínica do calazar no Rio de Janeiro, enquanto duraram os surtos, internados quase todos os pacientes então na DIP, em estreita colaboração com o Mauro - coordenador do estudo, respondendo por diagnóstico laboratorial e epidemiologia; e envolvemos outros professores do HU, da Anatomia Patológica e Clínica Médica, além de residentes, com desdobramentos acadêmicos.

Nessa época já havia progredido à Professora Assistente.

Para concluir a tese de doutorado, orientada, em continuidade, pela Prof^a. Léa Coura, os três meses de liberação absolutamente insuficientes (porque pesquisa na área universitária clínica não é prioridade), permitiram, porém, que eu, frequentando o Departamento de Epidemiologia da ENSP, recebesse essencial contribuição do Prof. Paulo Sabroza na metodologia estatística.

Estava no final da gestação do nosso terceiro filho, o Saulo.

E só mais tarde, consegui escrever a tese até o fim, graças a uma greve geral de quatro meses da Universidade.

Neste período já era Professora Adjunta.

Durante o ano de 1985, em que defendi o Doutorado, fui convidada pelo Dr. Sergio Arouca, Presidente da FIOCRUZ, a integrar uma comissão para elaboração de análise e projeto sobre um pequeno hospital que havia no campus de Manguinhos, o Hospital Evandro Chagas, que tinha um passado, muito pouco presente, e nenhum futuro para a opinião dominante.

Mas o trabalho me empolgou porque, conhecendo a FIOCRUZ e as dificuldades de se fazer pesquisa clínica num hospital de grande porte, mesmo de ensino com quadros do maior gabarito, mas onde a prioridade absoluta era a assistência, vislumbrei para aquele hospital, se reestruturado, um espaço ideal de pesquisa clínica, espaço este a ser resgatado no seu valor, cada vez mais desprovido de significado.

Nossa proposta consistia em adequar o pequeno hospital á qualidade, para se tornar referência nas atividades que desenvolvesse, aprofundando e ampliando, ao mesmo tempo, a visão de pesquisa em Doenças Infecciosas pelo olhar de médicos de outras especialidades, para isso começando por: trazer profissionais não somente de Doenças Infecciosas, mas de uma gama de especialidades da Clínica Médica interessados em pesquisar nas suas interfaces; estender também uma qualidade de vanguarda, com possibilidade de pesquisa, a profissionais da área que passamos a chamar de clínica complementar - de enfermagem, psicologia, farmácia, serviço social e outras; investir fortemente em todas as atividades laboratoriais, sem superposição com as disponíveis na FIOCRUZ; criar um serviço de epidemiologia hospitalar, e, o mais importante, ainda que, limitando-se a pesquisa ás possibilidades da atenção e vice-versa, manter as linhas tradicionais do Hospital integradas ao Instituto O. Cruz, do qual ele era um departamento, e criar outras possíveis conforme prioridades epidêmico-endêmicas.

Em dois a três anos, o Hospital Evandro Chagas, conveniado com o INAMPS

sob a presidência de Hésio Cordeiro e com a assessoria do Dr. Antonio Paulo de Menezes Filho como Vice-Diretor, de saudosa memória, tornou-se referência em **atenção e pesquisa integrada** em AIDS, quando somente dois hospitais atendiam; em dengue, imediatamente após a ocorrência dos primeiros casos, e ampliou atividades em leishmanioses, micoses, doença de Chagas, toxoplasmose, sempre pelo envolvimento das equipes multiprofissionais de diferentes clínicos e de laboratório.

Um berço da pesquisa clínica no país, a vocação daquele pequeno hospital criado por Oswaldo Cruz e concluído por Carlos Chagas, seu primeiro diretor e antes de tudo um grande clínico, comprovou-se nas duas décadas seguintes, consolidando-se todas aquelas atividades, e se ampliando consistentemente, em qualidade e quantidade, suas linhas de pesquisa associadas à atenção a saúde, bem como se desenvolvendo, progressivamente, o ensino – de Residência Médica e especialização em Enfermagem, depois de Mestrado e Doutorado multidisciplinar em Pesquisa Clínica de Doenças Infecciosas, sendo hoje certificado como Hospital de Ensino pelo Ministério da Saúde e da Educação.

Tornou-se, desde 1999, uma unidade técnico-científica da FIOCRUZ, o Instituto de Pesquisa Clínica Evandro Chagas.

Ainda faço questão de destacar uma das características mais fortes do IPEC, a **cultura institucional de respeito ao paciente** - o que de uns anos para cá ganhou o nome “politicamente correto” de “humanização do atendimento”. Respeito, entendido como o atendimento oportuno e de qualidade; o diagnóstico seguro, disponível e adequado ao tempo técnico; o acesso obrigatório do cliente à informação primeiramente pelo seu médico; e, de forma peculiar no IPEC, a representação da Associação de Pacientes no Conselho Deliberativo da Unidade, instituída desde 2000.

Na FIOCRUZ, associei atividades de gestão com pesquisa e ensino, e enquanto foi possível, com assistência, atuando no Evandro Chagas e na Escola Nacional de Saúde Pública. Na ENSP, em parte dos anos 90, tive a honra de trabalhar no Departamento de Ciências Biológicas, e suceder meu chefe, Prof. Aduino Araújo, “eleita por aclamação”, por um conluio transparente (só eu fui excluída) dos Exmos. Acadêmicos Luiz Fernando Ferreira e Aduino Araujo.

No IPEC fui diretora de 1986 a 89, e depois, de 1997 a 2005, eleita em duas gestões.

Em 2006 me aposentei quase efetivamente do IPEC. E já se seguiram mais duas gestões eletivas da Dra. Valdiléa Veloso, a quem eu entrevistei para ingressar no então Hospital Evandro Chagas na década de 80. (Acho que o trem já está nos trilhos, pelo menos...)

O "**para quê**" ingressei na Academia de Medicina do Rio de Janeiro?

Acho que para acompanhar meu marido com mais proveito, para além de um clube recreativo da terceira idade, até porque muitos ainda não chegaram lá, principalmente as mulheres...

Portanto, ingressei para, com a máxima honra, porém muito modestamente, comungar de seu objetivo tão relevante, conforme reza seu estatuto: a Academia de Medicina do Rio de Janeiro "tem por objetivo colaborar com as Autoridades Constituídas do Município do Rio de Janeiro em tudo que possa interessar à **saúde** e ao **ensino médico**, promovendo e incentivando as **ações** que têm como escopo o **progresso da Medicina e das Ciências Correlatas**, assim como das **pesquisas científicas** que contribuam para o bem estar físico, mental e social da população."

Sei que uns podem somar mais nessas contribuições, mas, vale a vontade de fazê-lo de cada um, dispondo de sua experiência e sensibilidade, e se acreditando capazes de buscar e achar soluções para a situação gravíssima em que ainda permanece a atenção a saúde, principalmente pública, onde nos nossos hospitais, bem a nossa vista, é mais fácil dispor-se de aparelhos do que de médicos, além de muitas dezenas de outros problemas.

Tudo se faz de atos menores, que se encadeiam, para o bem ou para o mal, em nível macro ou micro, e na saúde principalmente tudo é relevante desde que o paciente seja a preocupação central.

Poderia dar também um exemplo macro, como a existência dos medicamentos genéricos no país, uma proposta de um médico parlamentar (do PT) de São Paulo, "desencalhada" por um parlamentar do Rio de Janeiro de partido de oposição (o PSDB), para ser transformada em lei e ato por meio de Ministro do mesmo partido a que esse tinha acesso. Temos que crer que esse tipo de atitude significa compromisso, ainda que permeado de outros interesses, aos quais, porém, as Academias não se atrelam por direito e dever de serem absolutamente livres para expor suas contribuições, fundamentadas

no conhecimento, na sensibilidade e na ética.

Finalmente gostaria de apresentar meus agradecimentos à Academia de Medicina do Rio de Janeiro, por meu ingresso.

Em primeiro lugar, a **Amiga** que o tempo me deu, no tempo crescendo a admiração, o respeito e o carinho, sobretudo e **por tudo** o que contribuiu com competência no IPEC nesses últimos 15 anos, a Dra. Léa Camillo-Coura, Exma Acadêmica Fundadora. A ela também, e ao Exmo Acadêmico Dr. Leão Zagury, por terem sido incansáveis em insistir na minha candidatura e apoiá-la em uma campanha que coincidiu com alguns momentos pessoais difíceis e já superados.

E ainda às suas palavras, Acadêmico Zagury, sempre generosas e gentis.

Ao apoio recebido, desde a inscrição, do Exmo. Acadêmico Presidente, Prof. Francisco Amarante Neto, e muito antes, em 1987, quando eu, á cata de profissionais das interfaces das Doenças Infecciosas interessados em pesquisa, fui pedir-lhe a indicação de um Otorrino para o Hospital Evandro Chagas entre seus alunos de Mestrado. (O seu indicado, Dr. João Moreira, ali veio a fazer sua dissertação em leishmanioses, sua carreira clínica e o doutorado).

O meu agradecimento especial ao Exmo. Acadêmico, Prof. Igor Borges de Abrantes Junior, pela ajuda generosa e exemplar, o apoio essencial, e as orientações em todos os momentos de meu complexo processo de ingresso, tendo que adiar a data da posse, bem como, em continuação, ao nosso grupo de Acadêmicos ora empossados.

Aos Exmos Acadêmicos Caudia Jacintho e Fabio Morinigo, meus quase companheiros de posse, em julho, pela enorme compreensão e carinho.

Aos Exmos. Acadêmicos, em especial Luiz Fernando Ferreira, Walter Gouvêa, Aduino Araújo, Claudia Burlá, Antonio Jasbik, e a vários outros, que tiveram a oportunidade de manifestar sua compreensão e solidariedade nesse processo;

E a **todos** os meus queridos Confrades, doravante, pela honra de privar de seu convívio acadêmico.

Também quero muito agradecer aos meus amigos, sua presença, as lindas mensagens generosas, os da vida pessoal, sempre tão adoráveis, os amigos da FIOCRUZ e em especial os meus sempre queridos companheiros do IPEC – porque, juntos, amamos e nos devotamos a um Sonho, sobre cuja concretização, assim vista recentemente por um paciente, citou ele a respeito: "**Sonho que se sonha só, é ilusão... Sonha que se sonha junto, vira**

realidade".

E encerrando meus “vinte minutos convencionais”, permitam-me agradecer mais do que especialmente aos meus familiares:

Do Rio, Recife, São Paulo e Belém, tanto da descendência do nosso tronco comum do Pará, nossos avós Ália e Moisés Sabat, e bisavós Belizia e David Benoliel - que amamos sem conhecer -, como os do meu lado Marzochi por amorosa adesão.

Em especial, a presença do Recife, do meu primo-irmão, mais irmão que primo, Dr. Bernardo David Sabat, Professor da (minha) Universidade do Estado de Pernambuco, e sua mulher, mais do que prima, amiga, Dra. Edilene Sá Leitão.

Aos meus irmãos amados, Sonya Clara Sabat Feldman, médica também, Aida Sabat Feldman, pianista principalmente, e Bernardo Feldman Neto, engenheiro e músico, agradeço, **nessa diversidade de pessoas que vocês são**, uma ampliada compreensão da vida no passar do tempo bendito, **graças aos nossos adorados pais, tão desprendidos deles mesmos, que tanto e tudo de si nos deram, e cuja presença é perene dentro de nós e na nossa descendência, Ana Dina Sabat Feldman (D.Dina) e Abram Leib Feldman (Seu Luiz).**

E aos meus tão queridos sobrinhos, Débora e Rodrigo Mascarenhas e Allan e Flavia, e muito especialmente a meus sobrinhos-netos Tomaz e Bernardo, muito obrigada por terem vindo, fez muito bem, sim, à tia Keyla.

Aos meus adorados filhos, Samira, Ilana e Saulo, os grandes presentes da minha vida, que nada fiz por merecer, que já nasceram tão prontos, com os quais eu só faço aprender e a cada dia mais, **agradeço todos os sorrisos** e a vocês dedico essa forma de premiação ao ser eleita a essa Academia - como quem amortiza os débitos contraídos por minhas fugas mentais.

Meus agradecimentos aos queridos genros, Giuliano e Cleber e a Izabella.

E ao Mauro?

Aproveito para te dizer que tive pelo menos um sonho que sonhei sozinha, mas que não virou ilusão, Você.

Que ao olhar suas fotos antigas, vejo o rapaz bonito que você era, mas eu acho que não via – por quê? - pelo hábito de querer enxergar além, ou por falta de tempo talvez?

Só sei que te vejo mais bonito hoje, desde que me aposentei, quem sabe por poder ver mais completamente uma beleza que se transformou de fora para

dentro, entre corpo e espírito, consistentemente palpável o intangível no tangível, o sonho materializado - o Sonho só meu...

Transcrição de Mensagem enviada à Dra. Keyla Belízia Feldman Marzochi pelo Dr. Ricardo Cotta Pereira (através do Acad. Leão Zagury, recebida após a cerimônia da Posse), em 15/12/2011.

“Prezada Dra. Keyla,

Muito obrigado pelo convite e pelo carinho como a Sra. se referiu ao meu saudoso e amado pai. É muito importante para mim e para ele, onde estiver, saber que alguém da sua competência estará o representando na Cadeira 13. Esta que ele e muitos lutaram par criar. É esta imortalidade que o mantém vivo e que a manterá de agora em diante. Use este espaço honroso para melhorar a saúde do nosso sistema e evocar cada vez mais os princípios éticos e morais em nosso meio. Tenho certeza, e sinto que o meu pai está feliz com a sua sucessão, e foi isso que ele idealizou quando ajudou a criar esta casa: imortalidade e continuidade da medicina de qualidade no Rio de Janeiro. Vou citar um dos preferidos dele:

“Há pessoas que desejam saber só por saber, e isso é curiosidade; outras, para alcançarem fama, e isso é vaidade; outras, para enriquecerem com a sua ciência, e isso é um negócio torpe; outras, para serem edificadas, e isso é prudência; outras, para edificarem os outros, e isso é caridade.”

(Santo Agostinho)

Parabéns e muito Sucesso.

Ricardo Cotta-Pereira e Gerson Cotta-Pereira”.